

NO PINTCHA

ORGAO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU



Os Presidentes Luiz Cabral e Kim Il Sung, no aeroporto de Pyongyang, agradecem os aplausos da multidão que ali foi saudar o camarada Presidente do Conselho de Estado no início da visita oficial à República Popular Democrática da Coreia

Balanço da visita de Luiz Cabral à Coreia e Bulgária

Consolidar relações antigas e aproveitar novas experiências para desenvolver o país

«A nossa visita à Coreia e à Bulgária serviu-nos para consolidar relações antigas e abrir possibilidades ao nosso povo de aproveitar experiências válidas de países que começaram como nós, de aproveitar esses sucessos para ajudar-nos no nosso esforço para o desenvolvimento económico do nosso país» — precisaria o camarada Presidente Luiz Cabral, à sua chegada a Bissau, ao fazer um balanço da sua visita

oficial a esses países amigos.

Luiz Cabral frisaria que, nos encontros com o líder coreano, Kim Il Sung as questões de desenvolvimento da nossa cooperação bilateral e os problemas internacionais de actualidade, estiveram no centro das conversações. Nesta base assinaram um Tratado de Amizade e Cooperação, um acordo cultural, técnico e científico. «Vendo o nosso interesse em desen-

volver a agricultura para atingirmos os nossos objectivos de autosuficiência alimentar, o Governo coreano vai-nos dar uma assistência no domínio da produção do arroz.

«Ficámos entusiasmados com as realizações levadas a cabo pelo povo coreano, sob a direcção do Partido do Trabalho. Achamos que é um exemplo daquilo que é possível fazer-se quando um povo está mobilizado e confia em si próprio,

pondo toda a sua capacidade de trabalho ao serviço do desenvolvimento do seu país».

Este tratado de amizade é válido por vinte anos e renovável sucessivamente por um período de dez anos. Para além de preconizar o desenvolvimento das relações de amizade e cooperação entre os dois países em todos os domínios, reflete o desejo comum dos dois países de continuarem a combater activamente pa-

ra a salvaguarda das identidades correntes do Movimento dos Não-Alinhados. Reafirma igualmente a todas as tentativas imperialistas tendentes a dividir um país e a resolução de os dois lutarem activamente para a eliminação completa de todas as forças estrangeiras na Coreia do Sul.

O estabelecimento de uma nova ordem econó-

Continua na Página 8

Terminaram inscrições de militantes do Partido

As inscrições para militantes e candidatos do PAIGC terminaram em todo o país. O Secretariado do CNG do Partido, já recebeu as listas provisórias das regiões, com a excepção de Bolama-Bijagós, que por razões de dificuldades de transporte neste arquipélago estão mais atrasados informou o camarada Otto Schacht, Secretário do Conselho Nacional da Guiné do PAIGC.

As inscrições iniciaram-se logo após o termo das reuniões das Assembleias regionais do Partido realizadas de 17 a 23 de Agosto último em todas as regiões da Guiné-Bissau. O camarada Otto Schacht explicou-nos como exemplo o número de inscritos da Região de Cacheu, que é de 1514 militantes e 6134 candidatos. «Isto demonstra bem o trabalho político feito naquela região do norte» disse.

(Continua na página 8)

★ Centenas de pessoas em pânico no incêndio do "Corubal" (ver pág. - 8)



Sahel ano 2000

Um técnico agrícola ensina esta camponesa do Alto Volta a utilizar a charrua em novas terras irrigadas. É uma imagem dos esforços empreendidos para recuperar o Sahel até ao ano 2.000. O artigo-reportagem vem nas centrais.

JAAC reuniu em Fulacunda Aprovado programa para 1980

O plano das actividades da JAAC, bem como o programa para o carnaval-80 e recomendações no sentido de se reconhecer os esforços desenvolvidos para assegurar à JAAC um papel e uma presença activos no plano internacional, particularmente no contexto africano e junto às organizações juvenis de comunidade socialista, foram aprovados na 2.ª reunião ordinária da Comissão Nacional da JAAC, que realizou, de 9 a 11 do mês em curso, na região de Quinara, precisamente no sector de Fulacunda, em seis sessões de trabalho.

Presidida pelo camarada João da Costa, Secretário Nacional da JAAC, a sessão de abertura contou com a presença dos camaradas Tiago Aleluia Lopes, delegado do Partido à reunião e membro do CEL do PAIGC e Quemo Mané, Presidente do Comité de Estado e do Partido da região anfitriã.

(Continua na página 8)

Bolama: uma decepção a exposição fotográfica

Camarada director:

Bolama — Desde o dia 14 de Outubro que se encontra patente ao público, no salão das sessões do Comité de Estado para a Região de Bolama/Bijagós, uma exposição fotográfica organizada pela Sub-Comissão de Propaganda, Informação e Divulgação, do Ano de Solidariedade com Bolama. Depois dos meus afazeres profissionais, isto por volta das catorze horas, encaminhei-me para o local da exposição e, confesso, que levava dentro de mim, um grande contentamento por ir visitar uma exposição que estava há muito prevista. Subi os degraus que dão acesso ao dito salão e senti uma onda de tristeza, daquelas que, muitas vezes, tenho sentido, quando verifico a falta de interesse por parte da nossa população em relação às nossas realizações. Entrei na sala, procurei a parte destinada à exposição e foi chocante o que vi: nem uma visita. Apenas uma camarada sentada, a responsável pelo que estava exposto.

A um canto da sala, encontrei algumas fotos. Desculpem dizer, algumas fotos, pois, não era aquilo que queria encontrar. Encontrei sim, bom trabalho fotográfico, mas também era em número tão reduzido, que perguntei a mim mesmo se seria a exposição programada. Com tão reduzido número de fotos, como podemos — nós — elucidar o público do que temos? Esta exposição está destinada a ser levada a todos os Comités de Estado das Regiões da nossa terra e, cumpre-me fazer uma pergunta: é com estas fotos que vamos dar a conhecer o que temos? É com elas que diremos às pessoas que não conhecem Bolama, quais as nossas realidades presentes?

Tantos locais que não estão presentes na exposição, por esquecimento, ou por falta de conhecimento da pessoa que fotografou. Onde estão as fotos do nosso sempre encantador Porto de Mar? Com a sua super fantasia natural do nascer do dia e pôr do sol? Onde estão as fotos da nossa faina piscatória, desde a saída dos pescadores até à sua chegada e à descarga, do peixe tão natural e tão dia a dia da nossa terra? Porque razão apenas duas fotos da nossa praia de Ofir quando é certo que aquele local pode, sem grande esforço, fornecer pelo menos uma dezena de boas fotos?

Onde estão as fotos da nossa Praia de Areia Branca, da sua maravilhosa mata de coqueiros, das povoações de Gâmuria e Uato de Fula? Onde estão as fotos da nossa praia de Bolama de Baixo? Onde estão as fotos do Farol da Ponta Oeste, que foi tantas vezes guia das nossas forças de libertação.

Onde estão as do Lar e Escola de Enfermagem, as que mostram detalhadamente a Escola de Professores de Posto Amílcar Cabral, Escola Piloto, dos nossos Jardins infantis?

Esta minha apreciação não é uma crítica, mas sim uma maneira de lembrar aos responsáveis, para a insignificância da quantidade e para falta das fotos dos locais apontados reduzem a exposição a uma simples amostra de um trabalho artístico. E assim, como se tivesse rebido um balde de água fria, desci os degraus triste e pensativo por não ter visto uma exposição que corresponda às totais realidades desta sempre encantadora Bolama. Espero que o futuro nos traga uma exposição mais elucidativa.

De alguém que ama de coração esta ilha

Historiador da RDA visitou a Guiné-Bissau

Para consultas com a Direcção do nosso Partido visitou a Guiné-Bissau, durante duas semanas, o dr. Kurt Wernicke, historiador da República Democrática Alemã. A permanência daquele especialista do Museu da História Alemã de Berlim, relaciona-se com a organização pelo nosso Partido, do Museu da Luta de Libertação Nacional, criado em 1975 pela Assembleia Nacional Popular.

Durante a sua estadia

no nosso país, o dr. Wernicke visitou alguns pontos históricos da Guiné-Bissau, como Morés, Cacheu e Cassacá. Nas suas declarações à Imprensa, ele disse que «ficou satisfeito em saber que existe nas mentes do povo a história da Luta Armada de Libertação Nacional e que isso tem que ser aproveitado quanto antes. Porque as pessoas vão morrendo e lá vai a história desaparecendo».

Falou da importância

dos meios de Informação, na sensibilização das massas populares para a recolha de objectos para o Museu. Em Cassacá, aquele especialista alemão teve a oportunidade de ver as primeiras bandeiras, emblemas e fotos do camarada Amílcar Cabral e ainda colchetes feitas com pedaços de bombas de napalm. Este tipo de objectos será depois recolhido e seleccionado para o Museu.

Seminário sobre leis de trabalho

Organizado pelo Departamento de Assuntos Sociais e Trabalho e com a colaboração da União Regional dos Trabalhadores de Cacheu, decorreu nesta localidade e durante quatro dias, um Seminário sobre Leis de Trabalho.

Na sessão de encerramento, a que estiveram presentes cerca de sessenta e dois trabalhadores, o camarada Madú Sissé, Secretário do Partido do Sector de Canchungo, agradeceu em nome do Comité partidário, a iniciativa da UNTG em organizar seminários de importância como este. A terminar, o camarada Pedro Monteiro Júnior, primeiro secretário da UNTG, incentivou os trabalhadores a desenvolverem os conhecimentos ora adquiridos e para que dinamizem as actividades sindicais de base.

Jornadas de amizade JAAC - komsomol

FRUNZE — As jornadas de amizade da Juventude da União Soviética (Komsomol) e da JAAC (Juventude Africana Amílcar Cabral) da Guiné-Bissau e Cabo Verde, decorrem em Frunze, capital da República Soviética da Kirguízia, com a realização de um

Seminário político sobre os problemas do movimento juvenil a favor da paz e da cooperação.

Figuram no programa da jornada soirees de amizade internacional, encontros com operários, jovens comunis-

tas, cientistas e artistas.

A delegação conjunta da JAAC da Guiné e Cabo Verde é chefiada pelo camarada Adriano Gomes Ferreira (Atchuchi), membro do Secretariado Nacional da nossa organização juvenil.

Delegadas do CNM reúnem com mulheres de Fulacunda e Empada

As delegadas da Comissão Nacional das Mulheres para a segunda reunião ordinária da Comissão Nacional da JAAC, aproveitaram a sua estadia em Fulacunda para reunirem com as militantes das mulheres desta vila e em Empada.

Nesta reunião de carácter informativo, que decorreu no sábado passado, as camaradas

Zézinha Chantre membro da Comissão Nacional e Secretária do Departamento de Informação e Propaganda, e Tchutcha Mendes, membro da Comissão Nacional, puseram às mulheres de Fulacunda e Empada ao corrente dos resultados da Assembleia das Mulheres, que nestes dois sectores não tinham sido, ainda, divulgados; da situação da

Comissão Nacional das Mulheres, das actividades programadas, entre as quais a semana Títina Silá, que decorre de 20 a 30 de Janeiro do próximo ano; e da participação desta organização no 16.º aniversário das comemorações de Cassacá.

Por outro lado, as representantes das mulheres destes

sectores expuseram as suas dificuldades no que concerne aos contactos e directivas da Comissão Nacional das Mulheres para que os seus trabalhos possam ter um avanço considerável. Apesar disso, fizeram uma explicação sucinta dos trabalhos realizados, que pelos vistos estão a decorrer a um bom ritmo.

Responde o povo

Você vai na "onda" das bicicletas?

Em voga, agora, as bicicletas!

Novos e velhos, homens, mulheres ou crianças, todos circulam, impavidamente, nas suas bicicletas. Porquê? Será que devido à falta de gasolina, ou ainda, ao desejo inesperado de querer manter a agilidade?

Das respostas se encarregaram alguns cidadãos que entrevistámos.

— **Abel Coelho Mendonça**, 18 anos de idade — estudante.

«Quanto a mim, essa «onda de bicicletas» deve ser devido à falta de gasolina que o mundo observa. Existe alguma gente com dinheiro suficiente para comprar carro, mas o problema das peças para o mesmo é desanimador. Isto, para as pessoas mais velhas».

Quanto aos jovens, parece-me ser por causa do problema do serviço e às possibilidades que o mesmo dá aos jovens empregados de pagarem as bicicletas a prestações.

A mim, por exemplo, que sou estudante, a minha mãe ofereceu-me uma, levantada no Liceu, local onde ela trabalha. Faço uma série de coisas de que gosto dando-me até um benefício no aspecto desportivo além de ser divertido, quando grupos de jovens saem passeando».

— **Ana Alves**, 40 anos de idade — doméstica.

Esta invasão de bicicletas, tem dado muito que falar, principalmente, no que diz respeito a desastres pois, são muitas as pessoas, que não ten-

do o mínimo conhecimento das regras de trânsito, se estatelam a todo o comprimento. Não nego que seja útil, mesmo para os jovens empregados, mas lá está! Não conhecem as regras de trânsito, algo em que se deveriam pensar antes de comprarem bicicletas».

— **Celeste Pires**, 14 anos de idade — estudante.

«Eu acho que toda a gente que anda de bicicleta, devia ter carta de condução para se evitar, no mínimo, os desastres que têm sucedido, algo bastante negativo».

«Por outro lado, é um meio de transporte agradável e, se eu tivesse bicicleta e carta, claro está, todas as coisas que tivesse que fazer na rua, faria na bicicleta: passear, ir para o liceu, fazer compras à minha mãe».

— **Maria Carlota Tavares**, 22 anos de idade — estudante.

«Acho que, utilizar as bicicletas, é muito bom!»

Os velhos, por exemplo, que não têm possibilidades de comprar carro ou mota, compram bicicletas para não chegarem tarde ao serviço».

«Entretanto, ajuda também no desporto. A parte má pertence aos que circulam na via pública sem terem carta de condução e o que origina graves dissabores e funestas consequências que é o caso dos desastres».

«Deve-se também proibir as crianças de andarem de bicicleta nas ruas para se evitar males sem remédio. Para elas, dever-se-ia criar parques onde pudessem, sem perigo, brincar livremente com as bicicletas».

Gulbenkian vai contribuir na conservação dos monumentos

Regressou, a Lisboa o dr. Azeredo Perdigão, após uma visita de quatro dias a Cabo Verde. Antes de deixar a cidade da Praia, o presidente da Fundação Gulbenkian disse que a Fundação vai estudar o problema da defesa e conservação dos seus monumentos. «Mas isso só acontecerá — acrescentou Azeredo Perdigão — depois de o Governo de Cabo Verde classificar quais são os monumentos nacionais e os valores do património artístico e cultural em cuja conservação está interessado».

O património cultural caboverdiano conta com valiosa documentação bibliográfica, inserta nomeadamente nos registos alfanuméricos, administrativos.

Por seu turno, o património artístico está representado no domínio arquitectónico com igrejas, fortalezas, fortins, edifícios administrativos, residências e conjuntos urbanísticos representativos do período da arquitectura colonial.

Contam-se ainda as ruínas da catedral e de outros edifícios da primitiva capital do arquipélago, a cidade da Ribeira Grande, em Santiago, hoje conhecida por Cidade Velha, a primeira cidade fundada (ainda no século XV) pelos portugueses em África, e que sofreu numerosas incursões de Francis Drake e de piratas, até à destruição e abandono no século XVIII.

Particularmente contemplados foram os domínios da educação, da saúde e da investigação e economia agrárias. Alguns programas de auxílio foram já decididos pelos dois administradores da Gulbenkian, mas os de maior vulto deverão ser objecto da análise e decisão do conselho de administração em Lisboa.

Praticamente certa é já a extensão do Serviço de Bibliotecas da Gulbenkian a Cabo Verde, onde deverão vir a desempenhar um papel fundamental na divulgação da cultura e da educação e no combate ao analfabetismo, que neste país grassa ainda numa percentagem de 75 por cento.

O Centro Cultural da Embaixada de Portugal, na Praia, que deverá ser inaugurado pelo Presidente Ramalho Eanes, no decorrer da sua visita oficial a Cabo Verde, no primeiro semestre do próximo ano, será alvo de novo auxílio da Fundação Gulbenkian, particularmente na constituição da biblioteca de 7 mil volumes, para consulta local, e no equipamento do centro de animação audiovisual.

O dr. Azeredo Perdigão, que se fez acompanhar de Vítor Sá Machado, director dos Serviços de Cooperação da Fundação, foi recebido, em audiência, pelo presidente da República, Aristides Pereira, e pelo Primeiro-Ministro, Pedro Pires.

Chuvas tardias para a agricultura reforçam caudais das nascentes

Com a colheita do milho completamente perdida, depois de mais de um mês e meio, mais cair gota de água, Cabo Verde foi de novo abundantemente regado por chuvadas, que duraram três dias no conjunto do território e que chegaram a atingir um total de 700mm no Fogo, 600 em algumas zonas altas de Santo Antão e ultrapassaram os trezentos milímetros (sem pre no conjunto de três dias de chuva), na Serra de Malagueta, Santiago. Para constar; choveu no Sal (7mm no dia 27) considerada a mais árida de todas as dez ilhas.

Em S. Nicolau choveu também abundantemente, mas não é possível, de momento, precisar quantidades. Alguns estragos, foram assinalados nas zonas de Cidade Velha e Tarrafal, em Santiago, bem como na ilha do Fogo.

O principal benefício dessas chuvas tardias, mas sempre bem vindas, será a solução de problemas de abastecimento da população, em água, que se tornava já grave na ilha do Fogo, por exemplo, onde a rede de cisternas continuava vazia (estando as autoridades a encarar um programa de emergência para distribuir água às populações rurais) e quanto à campanha de flores-

tação.

A campanha de florestação terá, este ano, um êxito superior ao do ano passado — garantiram-nos o Departamento de Florestas do MDR. Realizada já em dois terços, com um nível de organização muito superior ao primeiro ano em que foi desencadeada, a florestação será retomada na ilha do Fogo, onde 400 hect. estão preparados para serem plantados na zona alta de Santiago e Santo Antão, e no Maio, onde ainda só foram florestados 150 dos 400 hectares previstos.

Com condições excepcionais para a florestação, por dispôr de um lençol subterrâneo pouco pro-

fundo, a ilha de Maio debate-se com o problema de falta de mão-de-obra que implica que, qualquer empreendimento nela projectado tenha de contar com braços vindos do exterior. Contudo, o Departamento de florestas informou-nos que todas as disposições estão tomadas para que a campanha deste ano seja cumprida.

Voltando à distribuição de água para o consumo doméstico, que é um problema nacional, as autoridades ligadas ao poder local estão a tomar medidas para estender a experiência de cisternas de Fogo aos concelhos rurais de Santiago.

A este propósito, sou-

bemos, junto desse departamento governamental, que estão sendo tomadas medidas para que grandes cisternas sejam construídas em algumas localidades destes concelhos em que as dificuldades de abastecimento de água são maiores, desencadear uma campanha de sensibilização para a construção de cisternas privadas, eventualmente com empréstimos dos Municípios, bem como o condicionamento das licenças de construção na vila de Assomada à inclusão no projecto de um sistema de recolha para consumo das águas das chuvas, tal como aconteceu em quase duas mil habitações do Fogo.

Boavista enfrenta o Sahel

O maior dique de retenção pelo sistema de gabion até hoje construído em Cabo Verde, está situado no Vale do Rabli, na ilha da Boavista — um dado que acrescido aos outros 34 diques de retenção e de conservação de solos já construídos, às 300 mil estacas de tarrifes plantadas no ano passado e às 50 mil árvores e arbustos já plantadas este ano, aos furos para captação de água, aos muros para abrir até Dezembro e ao armazém de pesticidas e oficina de manutenção de máquinas agrícolas, com o MDR, um papel fundamental, na luta contra a desertificação, a seca e a invasão das areias na Boa Vista, a nossa ilha mais sahelizada.

Dois diques de comportas, um dos quais, é o maior de Cabo Verde, foram construídos no Vale do Rabil. Na zona da Povoação Velha, 11 diques foram construídos em 1978 na Ribeira Baixa e 9 na Ribeira Dr.ª Santa Rita. O dique de Portal, no Norte da ilha, que tem a propriedade de servir também de passadeira para automóveis, quando a zona está inundada, ficará pronto no próximo mês. E o dique do Portal, mais um dique será construído.

Trezentas mil estacas de tarrifes foram plantadas no ano passado nas montanhas de Sa. Rei, como frente de oposição à invasão das areias, que deve ameaçar já cerca de um quinto da ilha. Quarenta e três mil árvores e arbustos foram plantados este ano, quatro mil acácias foram plantadas em Fonte Vicente e três mil no Norte da ilha.

É mais perigoso um dirigente que se embebeda do que um agente dos tuggas

A tendência para a bebida e para vida fácil — especialmente a procura desenfreada de mulheres — por parte dos militantes e responsáveis e dirigentes do Estado e do Partido, foi sempre combatida com toda a severidade pelo camarada Amílcar Cabral.

É dessa questão que ele hoje nos fala, através do texto que reproduzimos do Seminário de Quadros, e onde o camarada Fundador da Nacionalidade aponta o exemplo de tantos ministros em países da África que, por aqueles comportamentos condenáveis, nada fazem para o avanço das suas terras.

Assim falava o camarada Cabral:

«É mais perigoso para nós, um responsável ou um dirigente que se embebeda, do que um agente dos tuggas, porque ele, além de não cumprir o seu dever como deve ser, dá mau exemplo e, além disso, mata-se com bebidas, camaradas. Ora, os tuggas, o que querem, é que ele morra mesmo. Que ele não tra-

mulheres da nossa terra; segundo, está a dar mau exemplo para toda a gente, tanto aos outros responsáveis como aos militantes e combatentes e, além disso, desmobiliza o nosso povo; terceiro, estraga a sua cabeça, como dirigente, como responsável. Um bom responsável do nosso Partido hoje, um bom dirigente, que cumpre o seu dever como deve ser, e que tem consciência da nossa luta, tem que ser capaz, como um homem que tem necessidade de uma mulher, ou como uma mulher que tem necessidade de um homem, porque é normal ter-se uma companhia, de es-

colher seriamente a sua companhia, para dar exemplo, como deve ser. Nas condições da nossa terra, qualquer pessoa que manda, pode ter, em geral, tantas mulheres quantas quer. Essa é que é a África de hoje, ainda. Vejamos os ministros da África em geral, quantas mulheres é que têm? Mas não avançam nada com a sua terra. Temos que cortar isso na nossa terra completamente, camaradas. Cada responsável ou dirigente nosso, tem que dar exemplo, bons exemplos, para todos seguirem e para ter autoridade para castigar os outros quando chegar o momento de castigar.



Cabral ca muri

Um plano de vinte anos, para desenvolver a zona do Sahel — compreendida pelos países que confinam a Sul com o deserto do Sahara e foram particularmente mais afectados pelas terríveis secas do início da década de 70 — está em marcha, desde 1978. Pretende, como objectivo último, devolver aos referidos países, a autosuficiência alimentar, a um nível mais próximo das médias alimentares mundiais.

Esse plano, foi engendrado, com a colaboração dos países do Sahel (englobados no CILSS — Comité inter-estados para a luta contra a seca no Sahel), de alguns países capitalistas, organismos financeiros internacionais e institutos de ajuda aos países subdesenvolvidos, todos reunidos no Clube do Sahel.

Pertencem ao CILSS, o Senegal, Gâmbia, Alto Volta, Mali, Mauritânia, Níger e Tchad e o país irmão, Cabo Verde. Como se vê, países da nossa área geográfica mas mais afectados, ainda, pelas desastrosas secas cíclicas.

A estratégia do plano de desenvolvimento do Sahel passa, sobretudo, pela extensão das terras irrigáveis, com o aproveitamento das águas dos rios e dos lençóis de água subterrâneos — mais numerosos do que por vezes se pensa — e o melhor aproveitamento dos terrenos de sequeiro. Mas, paralelamente, prevê uma actuação forte ao nível dos transportes, da formação de quadros e, também, da repartição de rendimentos e da política de preços.

Nomeadamente, a revista «L'Observateur de l'OCDE», de onde traduzimos e adaptámos este artigo, acentua a necessidade, de dar às massas camponesas, um lugar mais importante na produção e repartição de rendimentos, como condição para o êxito do plano de desenvolvimento do Sahel.

Os investimentos totais em obras de irrigação, até ao ano 2.000, estão calculados em 10 mil milhões de dólares, ou seja, 350 milhões de contos. Para se ter uma ideia deste plano, basta dizer que, ele pretende contribuir, para a produção no ano dois mil, de 400 mil toneladas de cereais em terrenos irrigados e oito milhões de toneladas em terras de sequeiro.

O plano de desenvolvimento do Sahel (1978/2.000) foi preparado por um grupo de trabalho, constituído durante a primeira reunião do Clube do Sahel, em Dakar, em Março de 1976. A novidade, consiste em criar equipas sectoriais ou especialistas sahelianos, europeus e americanos, trabalhando em estreita cooperação. Cada equipa é dirigida por um saheliano, assistido por um representante dos organismos de ajuda bilateral ou multilateral.

Numa primeira etapa, quatro dessas equipas estabeleceram programas de acção no sector da produção alimentar: culturas pluviais, culturas de irrigação, criação de gado e pesca. Cinco outras, examinaram os problemas comuns nos sectores produtivos: recursos humanos, ecologia, comercialização, política de preços e armazenamento, tecnologia e transportes. Um grupo de síntese, composto por chefes de equipa e representantes dos organismos de ajuda, vela pela coerência do conjunto dos trabalhos.

A síntese dos trabalhos das nove equipas foi aprovada pelo Conselho de Ministros do CILSS, reunido em Ouagadougou, em Abril de 77. Marcada assim pelo seu lado político, a estratégia volta-se para um quadro de acção, no seio do qual, os esforços dos países sahelianos e da comunidade internacional podem desenvolver-se e completar-se.

O primeiro programa de acção para o desenvolvimento do Sahel (1978/82), foi também elaborado pelas equipas, em colaboração com as autoridades sahelianas. O seu custo: três mil milhões de dólares para os cinco anos (não compreendendo a valorização das grandes bacias fluviais).

Outra originalidade do plano de desenvolvimento: seu tempo de aplicação — mais de vinte anos.

São numerosas as razões que levaram a optar-se por um plano de longa duração:

Os países abrangidos, contam-se entre os mais desfavorecidos do mundo, excepto o Senegal. As necessidades essenciais não foram ainda satisfeitas, o que quer dizer que, a primeira condição para aumentar a sua capacidade de absorção, ela mesma necessária ao lançamento de qualquer processo sólido de desenvolvimento, está longe de ser realizada.

— A formação humana nos países muito pobres, é de nível insuficiente — o Sahel, não escapa a esta regra geral. Ora, a formação leva o seu tempo. O progresso material e social é fundada sobre as transformações das mentalidades e hábitos. Este

Um plano de 20 anos Dar às massas camponesas na produção e repartição

processo, é longo e os planos de desenvolvimento que não tiverem isto em conta, estão condenados ao fracasso.

— Se em alguns sectores (culturas pluviais, criação de gado e pesca) os projectos de reduzida dimensão podem dar resultados com bastante rapidez, não se passa o mesmo noutros domínios — a valorização das bacias fluviais, por exemplo — onde os investimentos terão uma rentabilidade difusa ou diferenciada no tempo.

trabalho propôs, para o ano 2.000, o objectivo de 400.000 toneladas de cereais tradicionais irrigados e de oito milhões de toneladas de sequeiro. As culturas pluviais continuarão, portanto, a desempenhar um papel primordial, durante o último quarto de século.

O grupo de trabalho, tirou desta constatação duas consequências. É preciso, por um lado, aumentar a produção nos terrenos de sequeiro: adaptar novas terras para cultivo (100 mil hectares de ago-



SATISFAZER AS NECESSIDADES ESSENCIAIS

«A estratégia, deverá permitir aos estados sahelianos assegurar o seu auto-provisionamento alimentar, sejam quais forem as áreas climáticas e conduzir a um desenvolvimento autónomo destes Estados» (mandato do grupo de trabalho). Por outras palavras: nenhum desenvolvimento é possível, se os sahelianos não tiverem, antes do mais, possibilidades de se alimentarem.

A auto-suficiência, não é um objectivo limitado: ela constitui para os sahelianos uma opção política, económica e social. Política: traumatizados pela experiência de recentes secas, os sahelianos não querem, nem depender demasiado das importações de alimentos, nem permanecer eternamente tributários da caridade internacional. Económica: o potencial físico e humano do Sahel permite, produzir quantidades apreciáveis de cereais. Social: obstáculos sérios limitam as possibilidades de criar empregos fora da agricultura e a má nutrição provoca destruições humanas irreparáveis.

O plano de desenvolvimento quantificou, de maneira indicativa, mas, relativamente precisa, a importância do esforço a fazer para atingir a auto-suficiência alimentar no ano 2.000. Na hipótese de um ligeiro aumento das rações alimentares e tomando como referência a situação no Sahel antes da seca, é necessário, de agora até ao fim do século, duplicar a produção de cereais tradicionais (milho e sorgo) e de carne, quintuplicar a produção de arroz e aumentar a produção de trigo, praticamente inexistente no momento actual, a mais de 500.000 toneladas por ano. Os especialistas dos grupos de trabalho estudaram os meios para atingir esses objectivos.

CULTURAS PLUVIAIS — Se o arroz, o trigo e a cana do açúcar, não podem ser obtidos por outra forma que não seja a irrigação, o mesmo não acontece com os cereais tradicionais que podem ser produzidos por irrigação ou de sequeiro. O grupo de

10.000 MILHÕES DE DÓLARES EM OBRAS HIDRÁULICAS;

400.000 DE TONELADAS DE CEREAIS NOS TERRENOS IRRIGADOS;

OITO MILHÕES DE TONELADAS EM TERRAS DE SEQUEIRO.

até ao fim do século); intensificar a produção nas zonas já cultivadas (passagem à agricultura manual melhorada e à agricultura de tracção animal ou mesmo motorizada, utilizando adubos e pesticidas); aumentar o rendimento por hectare entre 20 e 80 por cento; diminuir a sensibilidade das terras à seca pelo cultivo prioritário de zonas melhor irrigadas pela difusão de cereais de ciclo vegetativo curto.

CULTURAS DE IRRIGAÇÃO — É preciso preparar, até ao ano 2.000, mais de 500.000 hectares de novas terras, com a utilização total de água uns 100.000 hectares de bolanhas, com submersão controlada. Isto não corresponderá a mais que uma parte do potencial de irrigação do Sahel (2,3 milhões de hectares) mas, em função do escalonamento das operações, será, sómente no fim do século, que as culturas de irrigação atingirão os objectivos para que aponta o plano. Para isso, 24.000 novos hectares deverão ser preparados, em média, por ano, o que é bastante superior às realizações do passado. Uma valorização desta envergadura necessitará, cada ano, de 40 a 50 técnicos agrónomos suplementares, 20 monitores e 500 a 1000 ajudantes agrícolas, números que destacam a importância dos problemas de formação de quadros.

O custo do programa será à volta de 10 mil milhões de dólares a investir na irrigação, daqui até ao fim do século. Para se dispôr de condições, para prever tão correctamente como possível, os grandes trabalhos de irrigação, será necessário empreender previamente, numerosos projectos piloto menos dispendiosos, para daí tirar lições e prosseguir a reabilitação dos empreendimentos já a funcionar. Estas operações, deverão ser aproveitadas para formar um corpo de especialistas.

PECUÁRIA — Os objectivos estabelecidos para o fim do século — assegurar à população uma ração

Para desenvolver o Sahel desas o papel principal na produção de rendimentos

de carne ligeiramente superior à de 1970 (17,5 quilos por habitante durante um ano); permitir uma exportação de carne pelo menos, igual à que se praticava antes da seca — podem parecer modestos. Supõem, de qualquer modo, um crescimento anual de 6% na produção de carne, até 1990. Para atingir estes objectivos, as populações nómadas e sedentárias deverão, aceitar uma verdadeira mudança nos seus hábitos, consistindo na extensão da pecuária nas zonas de pastoreio, compatíveis com o equilíbrio ecológico e desenvolver, simultaneamente, a agricultura e a pecuária mais intensivas nas zonas do sul irrigadas.

ENQUADRAMENTO DA PRODUÇÃO

As transformações necessárias de sistemas de produção agrícola, exigem mudanças radicais do meio humano, implicando uma evolução das relações entre a população urbana e rural. A primeira, deverá dar às massas camponesas o lugar que lhes pertence no sistema de produção e na repartição de rendimentos. A população rural deverá, por seu lado, dar mais atenção à produtividade, à rentabilidade e à organização. Estes desenvolvimentos, por não estarem muito na natureza das coisas, convém estimulá-los, tanto pela acção dos poderes públicos, como pelo investimento.

A amplitude das necessidades em lenha e combustíveis vegetais provocará, ainda e durante vários anos, uma degradação e desequilíbrio no Sahel. O plano fixou em matéria de reflorestamento objectivos ambiciosos para satisfazer as necessidades de combustíveis e madeira de construção, melhorar o tratamento e a protecção das pastagens, assegurar a protecção do solo e da fauna. O sub-programa 1978/82 de produção de lenha, deverá traduzir-se por 10 mil hectares de florestas novas e um melhor aproveitamento de 900.000 hectares de florestas existentes (o que, para muitos países, não será suficiente para suprir o aumento do consumo de energia, proveniente da madeira).

A pesquisa e difusão de tecnologia nova bem adaptada às condições locais, fazem parte da estratégia de desenvolvimento do Sahel: fazer o levantamento dos lençóis de água subterrâneos, detecção à distância, novas formas de energia, valorização dos dejectos vegetais, conservação e aproveitamento, tratamento e mecanização dos produtos alimentares, sistemas de mecanização dos produtos.

A equipa encarregada dos transportes organizou, os programas, em torno de três ideais: melhoria dos sistemas de transporte existentes; criação de infraestruturas para apoiar a realização de programas de produção (estradas para servir as regiões cultivadas de novo, pistas, etc.); acabamento de um eixo, Este-Oeste, ligando os países sahelianos entre si, assegurando melhor os seus próprios aprovisionamentos alimentares à escala regional e abrir, a alguns deles, um novo acesso ao mar.

O fosso campo-cidade agravou-se, quanto aos rendimentos, durante os anos setenta. É preciso inverter essa tendência, se queremos devolver ao meio natural o seu dinamismo, estancar o êxodo rural, agir de modo a que os factores modernos de produção se tornem rentáveis. Neste sentido, é preciso canalizar para os pequenos agricultores, incentivos económicos à produção e garantir-lhes uma melhor remuneração da sua produtividade.

Esta nova política de preços, deverá acompanhar a instalação de estruturas de comercialização bem organizadas, permitindo, aos produtores sahelianos, reconquistar os mercados urbanos cada vez mais abastecidos por produtos importados.

UMA OBRA COMUM DE SAHELIANOS E FORNECEDORES DE CAPITAIS

O êxito da estratégia de desenvolvimento do Sahel, é tributário de alterações por parte dos cana-

lizadores de fundos (países capitalistas e investidores privados) e os países sahelianos.

O ministro coordenador do CILSS sublinhou, na segunda reunião do Clube, (Ottawa, Maio de 1977) que os sahelianos saberiam tirar partido de certas críticas expressas sobre a sua política económica, nomeadamente, para o sector agrícola (preços das culturas alimentícias, participação dos camponeses), conservação das estradas e gestão dos projectos.

Uma política económica e social mais justa, deverá conceder uma atenção cada vez maior aos camponeses, que detêm a chave da auto-satisfação alimentar, melhorando, nomeadamente, a comercialização e o preço dos cereais. Ela deve assentar, principalmente, na solidariedade regional, que, de momento, passe sobre as rivalidades nacionais e étnicas e sobre a falta de complementaridade real das zonas produtivas. Também, é necessário apontar, para a cooperação saheliana num quadro mais largo — África Ocidental para a carne, por exemplo, a África do Norte para a produção cerealífera. Planos operacionais deverão ser elaborados, visando a coerência e a integração de projectos, apoiando-se sobre uma administração ágil para a execução, avaliação contínua e reformulação dos projectos.

Os países doadores reconheceram que, a situação actual, impõe a necessidade de canalizar ajuda em condições mais favoráveis. Aceitaram, em participar numa comissão conjunta, para estudar este problema, assim como instituir novos critérios de apreciação e selecção de projectos. Os canalizadores de fundos devem agir a vários níveis.

Os obstáculos à capacidade de absorção da ajuda, são numerosos: falta de pessoal apto a dirigir os projectos; rentabilidade difusa, incerta ou diferida na maior parte das realizações; insuficiência de fundos públicos para os manter e fazer funcionar; mediocridade das ligações rodoviárias e ferroviárias, etc.

Uma comissão do Clube do Sahel, esforçar-se-á em fixar, com toda a clareza, os objectivos e os limites, para não colocar os beneficiários da ajuda na posição de auxiliados permanentes e não incitar involuntariamente o dador a intervir na gestão da política económica, monetária e financeira — o que seria frequentemente inaceitável.

Frequentemente, a ajuda não é mais do que um balão de oxigénio que permite, ao beneficiário, passar o ano — o que é contrário a todos os princípios de eficácia: se não se atender ao mínimo de amplitude necessária, os esforços diluem-se.

OBJECTIVOS DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA EM MILHARES DE TONELADAS

	Média em 1969/70	1990	2000
Milho e sorgo ...	4.000	6.525	8.450
Trigo	8	410	560
Cana de açúcar...	270	3.500	4.700
Bovinos	265	460	590
Ovinos e caprinos	115	220	300
Peixe	370	—	700

Se os meios financeiros aumentaram bastante depois da seca — 450 milhões de dólares em 1973, 800 em 1975 — não variaram, praticamente, depois.

Eles são, de qualquer maneira, insuficientes e continuarão a ser necessários, pelo menos, até ao fim do período de aplicação do plano. Ora, no domínio da ajuda, nada é menos seguro do que a permanência do esforço — logo indispensável.

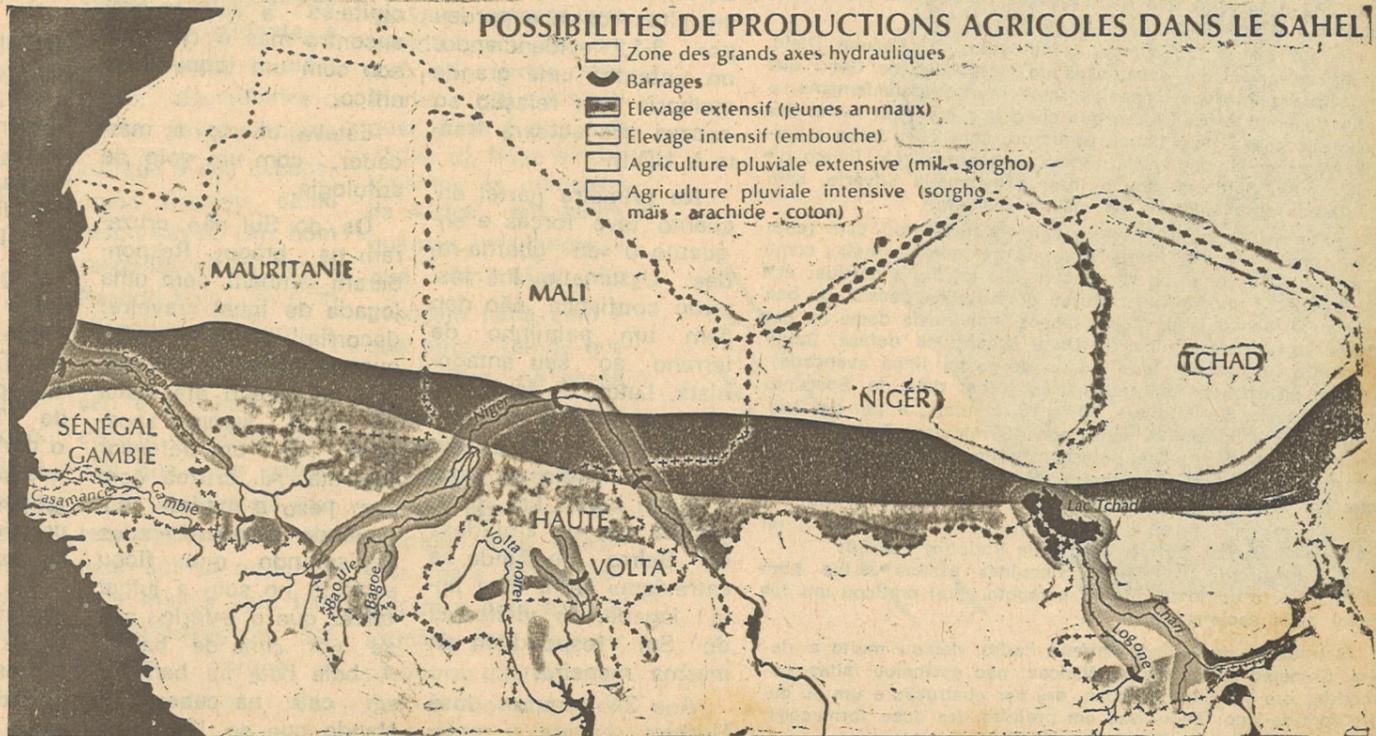
MODIFICAR OS PROCESSOS DA AJUDA

Tudo o que se relaciona com a avaliação de projectos, e a preparação de contratos, impõe aos governos encargos consideráveis. A simplificação e normalização de processos é condição sine qua non para o êxito do plano saheliano.

Paradoxalmente, os estudos prévios a qualquer realização constituem, por vezes, um travão que retarda o andamento dos processos. A experiência mostra que, é muitas vezes mais fácil obter créditos para estudo de projectos (realizados no país dador) do que créditos para os projectos propriamente ditos.

A comunidade dos doadores subscreveu, sem reservas, a estratégia aprovada pela reunião de ministros do CILSS em Ouagadougou, em Abril de 77. Ela estimou, igualmente, que o programa de acção 1978-1982 constituía uma etapa decisiva para a sua aplicação e que, ela deverá guiar os canalizadores de fundos para a escolha de projectos a financiar, durante os cinco próximos anos.

O Congresso americano autorizou, um crédito orçamental de 200 milhões de dólares, para os exercícios 78/79, que se juntam às contribuições normais para o Sahel. A França, entendeu consagrar ao desenvolvimento da região algo como 1.200 milhões de dólares de 1978 a 1982 e o Canadá, 560 milhões até 1985. A ajuda do Fundo Europeu de Desenvolvimento (FED), no quadro da Convenção de Lomé é, aproximadamente, 150 milhões de dólares por ano. Em 1977, os compromissos da Alemanha foram da ordem dos 115 milhões. O Banco Mundial quer contribuir com 200 milhões de dólares por ano. O programa suíço deve passar de 3 a 10 milhões e o dos Países Baixos aumenta muito rapidamente. Os compromissos do PNUD vão aumentar também, mas mais lentamente. O Banco Árabe para o Desenvolvimento Económico da África e o Banco Islâmico de Desenvolvimento fizeram, em Ottawa, declarações muito encorajadoras.



Benfica, 1 - Estrela Negra de Bissau, 3

Uma exibição para esquecer dos campeões nacionais

Com uma defesa a jogar da maneira como actuou a do Benfica, no domingo, contra o Estrela Negra, de Bissau, até uma equipazinha de futebol das raparigas do Bairro de Ajuda não teria problemas em dar-lhe uma goleada.

Não é o resultado que está em causa, até porque este fica longe de corresponder à verdade do jogo. 5-1 ou mesmo 6-1 a favor da Estrela Negra traduziria melhor a diferença que existiu entre os «estrelas» e os «encarnados». O que está realmente em causa é a maneira como actuou o «tí» meu encarnado». Saliente-se desde já que só, Agostinho, na defesa, Lamine e Djossé, nos extremos do ataque, deram sinal de vida, ao longo dos 90 minutos. Os restantes, pareciam estar numa greve «agonia». Nem correr sabiam, pareciam calçar botas com toneladas enquanto uma onda de atrapação tomava conta das cabeças daquela gente. E aí está: não é com uma equipa nestas condições que se pode ter veleidades de bater o pé a um conjunto como a da Estrela Negra, que não se compara a um «burro

marado» (burro amarrado), como se costuma dizer por aí.

Bastou Idrissa «pisar a fundo no acelerador», nos minutos iniciais para a Estrela Negra criar ocasiões que, se transformadas em golos, levariam o Benfica a encaixar para aí uns quatro, em menos de dez minutos. Havia montes de buracos na defesa, alguns dos quais, o capitão Agostinho ia tentando tapar enquanto teve forças de levar avante esta acção desgastante. No meio-campo, nasceu a falha que arrastou toda a equipa «encarnada» para um fracasso que dificilmente esquecerá. Sem o mínimo exagero, o onze do Benfica de domingo não teve meio-campo. Nem Elói, nem Mariano (Néne ainda tentou remediar o pior nos minutos iniciais), estavam a altura de cumprir as funções que o técnico Parente lhes confiara. Daí que, o ataque tenha todas as razões de queixa por ter sido desamparado, embora lhe faltasse tanto bém imaginação, inspiração e sentido de jogo.

Idrissa, numa das suas «puxadelas pelo motor» no flanco direito, onde Zé Mané limitava a acompe-

nhá-lo até onde este entendesse ver-se livre da bola fez um passe para Mami atirar para o melhor sítio. Isto, aos 5 minutos. Bubacar ainda tentou dar-lhe luta, mas foi facilmente batido.

No minuto seguinte, nova fuga de Idrissa no flanco direito, cruzamento para os pés de Tony, mas este atrapalhou-se com o esférico e permitiu a intervenção do guarda-redes José Saqui. Aos 7 minutos, é ainda Idrissa que isola Mami que faz o mais difícil, rematando frouxo para fora. Aos 9 minutos, Dinis toma a iniciativa de ir lá à frente proporcionar uma ocasião soberana de golo a Tony, mas este chuta fraco à figura de Saqui.

O tempo ia passando sem que Mami e Tony fossem melhor seguidos às inúmeras ocasiões que Idrissa, em combinação com J. João e Adulai, lhes iam proporcionando. Aos 30 minutos, numa «ffia» de Cláudio, a entregar mal para Lamine na área, Djossé igualou a partida, aproveitando muito bem o cruzamento de Lamine e a passividade do guarda-redes Karaté.

Depois deste tento «encarnado», os «estrelas» perturbaram-se. Os passes tortos como vinha fazendo o Benfica surgiram durante 10 minutos. O Benfica parecia agigantar-se mas foi sol de pouca dura.

Os «estrelas» recuperaram da atropalhada e arrancaram para uma exibição de grande nível que lhes permitiu construir uma vitória folgada. Tony introduziu neste período por duas vezes o corvo no fundo das redes, respectivamente aos 41 e aos 60 minutos. A arbitragem foi bastante deficiente.

EQUIPAS

BENFICA — José Saqui (depois Abel); Agostinho (cap), Bodjan (depois Braima na 2.ª parte) e Dinis; J. João, Bubo e Adulai; Idrissa (Manuel) Tony e Mami.

ESTRELA N. BISSAU — Karaté; Elói, Cláudio (cap), Bodjan (depois Braima na 2.ª parte) e Dinis; J. João, Bubo e Adulai; Idrissa (Manuel) Tony e Mami.

Tabela classificativa

	J	V	E	D	GM	GS	P
UDIB	4	4	0	0	7	2	8
Cantchungo	4	3	1	0	6	2	7
Ajuda Sport	4	3	0	1	9	3	6
Est. Negra Bissau ...	4	3	0	1	7	2	6
Ténis Clube	4	3	0	1	7	3	6
Bula F. C.	4	2	1	1	6	1	5
Benfica	4	2	0	2	6	5	4
Sporting	4	1	2	1	5	3	4
Desp. Gabú	3	1	1	1	9	7	3
Bafatá	4	1	1	2	4	8	3
Est. Negra Bolama ...	4	1	1	2	7	7	3
Balantas	4	1	0	3	5	8	2
F. C. Quínara	4	1	0	3	2	8	2
Desp. Farim	4	1	0	3	3	10	2
F. C. Tombali	3	0	1	2	2	5	1
Atlético Bissorã ...	4	0	0	4	2	12	0

Totobola

Vinte e oito contos e novecentos e noventa e oito pesos é o montante atribuído para cada prémio do concurso número nove do Totobola Nacional. Esta quantia é resultante de 3.720 boletins registados com 36.097 apostas que deram uma receita de 115.992,50 PG. 8.167 pesos saíram, ainda, desta receita destinando-se à ajuda para construção do Estádio Lino Correia.

Eis a chave deste concurso:

Sporting-Desp. Gabú	1
Balantas-UDIB	2
Bula-Bafatá	1
Benfica-Est. Negra Bissau	2
Bolama-Cantchungo	2
Bissorã-Ténis Clube	2
Ajuda Sport-Tombali	1
Guimarães-Marítimo	X
U. Leiria-B. Mar	X
Estoril-Porto	X
Belenenses-R. Ave	1
Sporting-Setúbal (a)	X
Varzim-Benfica	1

Nota: (a) sorteado

Resultado da jornada

Sporting, 4 — Gabú, 1; trela Negra de Bissau, 3; Ajuda Sport, 3 — Tombali, 1; Balantas, 0 — UDIB, 1; Bula, 2 — Bafatá, 0; Quínara, 1 — Farim, 2; Benfica, 1 — Estrela Negra de Bolama, 1 — Cantchungo, 2; e Bissorã, 0 — Ténis Clube, 1.

Sporting, 4 - Gabú, 1

Numa altura em que o empate parecia mais certo, eis que surge, no minuto 35, um livre directo à entrada da área, a castigar mão na bola, ou bola na mão (?) — ficamos com dúvidas — do capitão da equipa do Leste, Campos. Para a sua cobrança foi chamado Raúl, que, com um pontapé genial, mais em jeito do que em força, atirou rasteiro e em arco, para junto do poste esquerdo da baliza à guarda de Abdulai Djaló. Este ainda tocou no esférico, mas acabou por o introduzir, ele próprio, no fundo das redes. Marcava assim o Sporting o terceiro dos quatro golos (contra um do Gabú), obtidos neste embate.

Raúl ou se quisermos, o autogolo de Abdulai Djaló, «matava», assim, as esperanças do Desportivo de Gabú que procurara por todos os meios, embora desordenadamente, o golo do empate. Golo esse que chegou a justificar numa das suas escapadas pelo flanco esquerdo, com Luis Jorge a servir Aniz como mandam as regras, e também pelo flanco direito, onde Saído chegou a fazer o mesmo a Silvério, sem que estes aproveitassem da melhor maneira.

Por seu lado, o Sporting não só aproveitou este tento para construir a sua primeira vitória neste «Nacional», como também, para voltar ao ritmo com que iniciou a partida, onde o futebol corrido se misturou com alguns passes de boa execução, contrariados pelos rasgos individuais deste ou daquele jogador da equipa do Leste (Baciro na defesa, Saído e Nando no meio-campo, e Luis Jorge na linha avançada).

A primeira parte rendeu três golos: dois do Sporting, marcados por Rodolfo aos 10 e 18 minutos, e um do Desportivo marcado por Silvério, aos 45 minutos. Todos foram mais consentidos pelas defesas, muito vulneráveis, e pelo guarda-redes no caso concreto do Desportivo de Gabú, do que por mérito dos seus autores.

Na segunda parte, só o Sporting voltou a marcar: o tal golo de Raúl, aos 65 minutos, e de Rodolfo, aos 80.

Este triunfo da equipa «leonina» assentou-se-lhe bem porque foi o conjunto que no cômputo geral praticou um futebol mais esclarecido.

O trabalho do árbitro António Pedro, deixou muito a desejar. Cometeu vários erros técnicos: não assinalou faltas cometidas ora por jogo perigoso, ora por obstrução e um ou outro fora-de-jogo. Tudo isso em prejuízo das duas formações, mas mais para o do Desportivo de Gabú.

Ajuda, 3 - Tombali, 1: os sulistas ripostaram enquanto tiveram forças

A equipa representativa da Região do Tombali, no «Nacional» de Futebol defrontou no sábado à noite o «team» 79/80 do Ajuda Sport (apostado em altos voos), e perdeu por 3-1, evidenciando, no entanto, uma grande melhoria em relação ao «onze» que actuara frente à UDIB.

Na primeira parte, enquanto teve forças e enquanto o seu guarda-redes Ussumane lhe inspirou confiança, não deu nem um palminho de terreno ao seu antagonista. Lutou de igual para igual, descia com perigo até a baliza de Segismundo como o fazia o Ajuda à sua. Em suma, sempre que os «miúdos» do Bairro de Ajuda se «atreviam» fazer uma bela jogada, os visitantes do Sul respondiam da mesma maneira.

Aos 34 minutos, José Herbert invade o meio-

campo tombalinense e à entrada da área, deixa para trás, nada mais nada menos do que três defensores sulistas. O guarda-redes Ussumane precipita-se a sair ao seu encontro mas é desfeito com um toque magnífico.

Estava aberto o marcador, com um golo de antologia.

Os do Sul não cruzaram os braços. Responderam também com uma jogada de igual craveira: decorria o minuto 29 quando Alfam Sissé galgou o terreno até linha do fundo, sempre acosado por um defensor ajudista. Aí, cruzou com com peso e medida, enganando o guarda-redes Segismundo que ficou estático no solo a julgar talvez que o esférico saísse por cima da baliza. A bola bate na barra e vai cair na cabeça de Nando que se limitou a

colocá-la no fundo das redes. Estava reposta a igualdade no «placard», igualdade essa que se manteve até ao fim dos primeiros 45 minutos.

No período complementar as coisas correram de má feição para o F.C. Tombali. O seu número um, Ussumane desinspirou-se e os esforços dos seus companheiros ressentiram-se com isso.

Logo no primeiro minuto do reatamento o Ajuda desfez a igualdade. Toque para aqui, toque para acolá, ninguém do Tombali atinou com o corte. A bola foi parar aos pés de Beto Portes na pequena área, que com um tiraço fê-la anichar-se no fundo das redes.

Os sulistas ainda tentaram reagir, só que um balde de água fria entornou-se por cima deles quando menos se esperava. Por outras palavras

os Tombalinenses não tiveram tempo suficiente para reagirem ao golo sofrido, pois passaram apenas 4 minutos (50 do jogo) quando Ussumane num lance infeliz resolveu aumentar a diferença em favor dos seus adversários, ao deixar escapar para dentro da baliza uma bola rematada no grande círculo por Nelito.

A substituição do homem de Mato-Farroba (Afonso por Júnior no início da segunda parte) não trouxe qualquer benefício para os tombalinenses. Antes, pelo contrário. Quando estes factos acontecem a uma equipa, particularmente como a de F. C. Tombali, dificilmente se consegue algo de positivo. Daí a razão porque o triunfo dos «miúdos» do Bairro de Ajuda se aceita plenamente.

Violenta repressão no Shaba?

BRUXELAS — As tropas governamentais zai...

Esta informação foi publicada na segunda feira em Bruxelas, pelo Comité Zaire, organização de belgas opostos ao regime do presidente Mobutu, no momento em que a imprensa fala também de um massacre de crianças perpetrado na região do Kasai pelo exército do Zaire.

Um comunicado do Comité Zaire indicou que estas informações foram obtidas de diversas fontes (zairotas e outras), precisando que o comissário de Lubondoji teria pedido a intervenção de tropas contra os habitantes que recusaram pagar um imposto, considerando-o excessivo. Segundo o Comité Zaire, «as populações da localidade reagiram à intervenção das tropas zairotas destruindo as repartições administrativas e matando dois soldados».

O comunicado acrescentou que as tropas governamentais iniciaram então uma repressão massiva, que causou dezenas

A esperança renasce no Tchad?

Terá chegado, finalmente, a hora da unidade e da estabilidade no Tchad?

18 meses serão suficientes para o governo de união nacional de transição libertar-se da incómoda presença militar francesa?

Se todas as tendências são unânimes em reconhecer que o estacionamento de tropas francesas no território tchadiano é uma fonte de tensão, não chegaram, no entanto ainda, a um acordo quanto à data da sua retirada.

A unidade encontrada em Douguia é suficientemente forte para permitir a organização, sem sobressaltos, de eleições que conduzam à formação de um governo democrático representativo de todos os componentes políticos, culturais e religiosos do país?

Todavia, o espectro de desmembramento, que durante meses pesou sobre o Tchad já se dissipou. O acordo para a

constituição do governo de união marcou uma etapa importante na vida política deste país da África Central, traumatizado por longos anos de guerra civil, consequência da colonização e dos

cussões em Douguia, localidade situada a 80 quilómetros da capital N'Djamena, nas margens do rio Chari, para chegar a um acordo sobre a repartição de ministérios.

desde os sangrentos confrontos armados que conduziram à queda do regime do presidente Félix Malloum e a entrada dos guerrilheiros do Norte do Tchad na capital.

Falando na cerimónia solene de apresentação do novo governo, que tem 22 membros (12 para o Norte e dez para o Sul), o presidente Goukouni Weddeye, que estava ladeado pelo vice-presidente tenente-coronel Wadal Abdelkader Kamougue, reclamou a aplicação completa do acordo de Lagos (18 de Agosto de 1979).

Segundo este acordo, a França devia retirar as suas tropas do Tchad, que devem ser substituídas por uma força neutra composta de elementos do Congo, Benin e Guiné-Conakry.

O novo governo tem como ministro da Defesa Hissene Habre, chefe das Forças Armadas do Norte (FAN) e como ministro dos Negócios Estrangeiros, Ahmat Acyl, um dos líderes da Frolinat.

As 11 tendências

Eis as 11 tendências tchadianas que assinaram os acordos de Lagos sobre a reconciliação nacional:

— Forças Armadas Populares (FAP), de Goukouni weddeye. — Forças Armadas do Norte (FAN), de Hissene Habre — Forças Armadas Ocidentais (FAO), de Moussa Medela Mahamaon. Estas três tendências controlavam a capital.

Outras seis tendências estão reunidas no seio da Frente de Acção Comum Provisória (FACP):

— Frente Popular de Libertação (FPL), de Manamet Abba Said — O Primeiro Exército Vulcão, de Abdoulaye Adoum Dana — Conselho Democrático Revolucionário (CDR), de Ahmat Acyl — Frolinat-original, do dr. Abba Siddick — Frolinat-fundamental, de Hadjaro Senouissi — Movimento Popular para a Libertação do Tchad (MPLT), de Abdoulaye Abdel Rahmane.

O sul do país é representado pelas Forças Armadas Tchadianas (FAT), do tenente-coronel wadal Abdelkader Kamougue e a União Nacional Democrática (UND), do dr. Faicho Ballam.

antipopulares dos pós-independência.

As 11 tendências político-militares precisaram de seis dias de dis-

O governo tem por principal tarefa reorganizar a vida administrativa, económica e social do país, quase paralizado

Desarmamento

Partidos holandeses contra novos mísseis

Num debate seguido atentamente pelos aliados da Holanda na NATO, os dois principais partidos políticos holandeses criticaram na passada quarta-feira a proposta para a instalação de armas nucleares tácticas aper-

feioadas na Europa Ocidental.

O Partido Democrata-Cristão no poder salientou, numa declaração parlamentar, que os ministros da Aliança Atlântica deveriam decidir apenas o início da produção li-

mitada de novos mísseis, deixando a sua instalação dependente do resultado das negociações Ocidente-países socialistas, sobre o controle dos armamentos.

O Partido Trabalhista, na oposição, opôs-se mesmo à sua produção. Um porta-voz do Partido Democrata, Ton Frinking, considerou que 572 mísseis era excessivo e advertiu que a NATO se arriscava a provocar uma escalada na corrida aos armamentos. As negociações sobre o controlo de armas devem vir em primeiro lugar — acrescentou.

O porta-voz do Partido Trabalhista, Bram Stemerdink, ex-ministro da Defesa, apresentou uma moção, apelando à NATO que adie a decisão sobre a produção e a instalação dos mísseis. O documento acrescenta que as novas armas não devem ser estacionadas na Holanda.

O parlamento holandês devia apreciar algumas moções a este respeito. Laurene Brinkhorst, porta-voz para a Defesa do Partido Trabalhista apresentou outra moção em liberal, apresentou uma moção que tornaria tudo quanto for decidido em Bruxelas sujeito à ratificação do parlamento. O

Partido Trabalhista apresentou outra moção em que pede a retirada de duas mil ogivas nucleares existentes na NATO, numa tentativa para obter a redução do número de mísseis soviéticos SS-20.

No ano passado, a esquadra holandesa recebeu mais de um milhão de assinaturas para uma petição contra a bomba de neutrões americana. O presidente Carter mais tarde arquivou o projecto para a produção em série dessa mesma arma.

NOVAS PROPOSTAS SOVIÉTICAS

Leonid Brejnev, secretário-geral do PCUS e presidente da URSS, reafirmou na semana passada, no Kremlin, a vontade do seu país em iniciar com o Ocidente conversações construtivas sobre o desarmamento.

A União Soviética está «pronta para novas conversações construtivas e novas medidas concretas, com a condição de que outros também o queiram», declarou, segundo a agência Tass, o secretário-geral do PCUS, num discurso pronunciado aquando da recepção tradicional por ocasião do 62.º aniversário da Revolução de Outubro.

Angola: a meta é o socialismo

José Eduardo dos Santos, presidente do MPLA-Partido do Trabalho e da República Popular de Angola, exprimiu a firme decisão do povo angolano de defender as conquistas da revolução e de construir no país uma sociedade socialista baseada nos princípios do marxismo-leninismo.

Discursando em Luanda, durante um grandioso meeting de trabalhadores, por ocasião das comemorações do quarto aniversário da proclamação da independência de Angola, José Eduardo dos Santos sublinhou que o maior objectivo da revolução é o socialismo. O chefe de Estado da RPA denunciou os que espalham inverdades sobre «a ameaça comunista em África».

Condenou os racistas sul-africanos que apoiam os elementos subversivos

em Angola. Desmentiu também as calúnias dos dirigentes de Pretória que acusam Angola de violar as fronteiras sul-africanas. «O nosso país não tem fronteira com a África do Sul, declarou. Temos sim fronteira com a Namíbia ocupada pelo regime racista».

«O nosso país continuará a sua ajuda moral e material à SWAPO», acrescentou o dirigente angolano, que reafirmou a solidariedade do povo angolano com o povo do Zimbabwé em luta.

ATENTADO EM LUANDA

O ministério angolano do Interior anunciou que uma pessoa foi morta e cinco ficaram feridas numa explosão ocorrida na passada sexta-feira perto da embaixada da RDA em Luanda, situada quase

no centro da capital angolana.

O ministério do Interior de Angola considera que o acto criminoso visava perturbar o clima da comemoração do quarto aniversário da independência, e atingir «os nossos amigos dos países socialistas».

REMODELAÇÃO MINISTERIAL

O presidente José Eduardo dos Santos assinou na quinta-feira passada sete decretos, relativos à remodelação do aparelho governamental.

Roberto de Almeida, foi nomeado ministro do Plano, Lopo de Nascimento, ministro do Comércio Externo; Emílio Guerra, ministro de Pescas, e Lopes da Câmara, vice-ministro da Indústria e Tecnologia.

REPRESSÃO NA AFRICA DO SUL

MAPUTO — Do membros do Congresso Nacional Africano (movimento de libertação s... africano) proibido p... autoridade de Pretó... correm o risco de ser... condenados à pena... morte. No final de u... processo que durou do... meses, foram acusa... de «alta traição». A... sa judicial de Pitermar... burg que se desenrola... praticamente à porta... chada, transformou... num autêntico requisit... rio contra o Estado... apartheid. (Tass)

PRISÕES NO EGITO

CAIRO — Trinta cinco pessoas foram pr... sas na segunda-feira... Cairo, por pertencerem... ao Partido Comunis... Operário, afirmou o j... nal «El Takaddom», o... gão do partido da e... quarda egípcia, o «Re... ssemblement Progressis... Unioniste National». (FP)

REUNIÃO DA FAO

ROMA — O presiden... zambiano Kenneth Kau... da, declarou na 20... conferência da FAO q... não pode haver liberda... é direitos do Home... sem alimento. «Os e... forços dos países e... vias de desenvolvimen... para romper o círcul... vicioso da fome e da p... breza fracassaram e... parte devido ao cust... elevado das importaço... provenientes do mund... industrializado». (FP)

LANSANA BEAVOGUI NA ALEMANHA FEDERAL

BONNA — Lansana B... avogui, Primeiro-Ministr... guineense, en contra-s... desde segunda-feira e... Bonna, para uma visit... de quatro dias à Repu... blica Federal da Alema... nhã. Beavogui avistou-s... na terça-feira com... chefe do governo ale... mão, Helmut Schmidt, teve encontros com res... ponsáveis da economi... da RFA. (FP)

RAPTO EM ESPANHA

MADRID — O ram... político-militar da Orga... nização separatista bas... ca espanhola ETA, reivin... dicou na segunda-feira... rapto de Javier Ruperez... deputado da UCD, desa... parecido no domingo... Ruperez é membro d... comité executivo d... União do Centro Democ... crático, partido no pode... em Espanha. A ETA exige... como condição para... libertação de Ruperez, amnistia para todos o... presos políticos bascos... (FP)

Coreia e Guiné-Bissau estudam cooperação futura na agricultura

Decorreram na passada segunda-feira, à tarde, na sala de reuniões de BNG, os primeiros contactos, entre uma delegação partidária e governamental guineense e a delegação coreana de agricultura e Recursos Naturais que se encontra entre nós.

As duas partes eram chefiadas, respectivamente, pelos camaradas Mário Cabral, Comissário do DR, e Kim Kye Kum, Vice-presidente do Comité da Agricultura da República Popular e Democrática da Coreia.

Esta delegação coreana, chegou à nossa capital, no mesmo avião que conduziu o camarada Presidente Luiz Cabral e comitiva.

Em nome da nossa delegação, Mário Cabral, começou por saudar a

presença coreana «como uma presença activa e revolucionária do Povo da Coreia, e do seu líder bem amado, Presidente Kim Il Sung». Mais à frente, o titular da pasta do Desenvolvimento Rural focou as linhas das conversações tidas entre os nossos dois governos para afirmar que os mesmos métodos técnicos científicos usados na Coreia ser-nos-ão úteis para o desenvolvimento da nossa agricultura.

Vai ser estabelecido um programa de trabalhos em cinco zonas agrícolas, que nos trará, como resultado um desenvolvimento harmonioso, em todo o país. A nossa atenção do domínio da cooperação com a Coreia, é de considerar os aspectos da irrigação e da cultura alimentar, nomeada-

mente dos cereais, em particular, do arroz e do milho, integrado nos programas regionais ou de zonas.

O camarada Comissário, Mário Cabral afirmou que a coragem e determinação do povo Coreano encorajam-nos a trabalhar cada vez mais «tudo faremos para merecer a vossa estadia na nossa terra» — concluiu.

O Vice-presidente da Agricultura da RPDC, Kim Kye Kum, após ter agradecido e retribuído a cordialidade dispensada pela nossa representação, pediria ao camarada Mário Cabral, que fosse portavoz, em seu nome e no da delegação, dos agradecimentos junto de Luiz Cabral, por toda a atenção dispensada.

«Todos os problemas que iremos discutir jun-

tos, durante a nossa estadia, no quadro dos acordos destinados a reforçar amizade e a cooperação entre os nossos dois países, e ajudar o engrandecimento da economia rural na Guiné Bissau» — afirmaria a dada altura o chefe da delegação coreana.

Para finalizar Kim Kye Kum asseverou que estudarão as possibilidades de cooperação no domínio da irrigação, e da cultura alimentar.

As duas delegações prosseguiram os trabalhos na terça-feira com consulta aos mapas e aos processos para doravante darem início a visitas ao interior para estudos pormenorizados no terreno.

AJUDA EM MATERIAL E TÉCNICOS

Saliente-se que, por

outro lado, a República Popular e Democrática da Coreia ofereceu nos cinquenta tractores, cinquenta charruas de dois discos, dez atrelados e dez máquinas de plantar.

Também ficou acordado no protocolo assinado quando de visita de Luiz Cabral que a Coreia enviará para o país oito técnicos especialistas em ginásticas massiva, logo que as nossas autoridades o solicitem. No início

de 1980, outra missão de cooperação técnica nos domínios do desporto chegará à Guiné-Bissau para leccionar em várias modalidades. Juntamente com os especialistas seguirá uma quantidade apreciável de material desportivo.

No domínio das artes de cena, a parte coreana enviará no início do próximo ano especialistas, compreendendo dançarinos e escultores.

Incêndio no navio "Corubal"

Centenas de pessoas estiveram em perigo de perder a vida, durante um incêndio ocorrido anteontem a noite (cerca das 19 horas) perto de Jidi Cobra (ilha de Bolama), a bordo do navio-motor «Corubal», que efectuava o trajeto Bissau-Bolama-Catió.

Fontes ligadas à Marinha de Guerra confirmaram a morte de uma pessoa, 11 feridos encontram-se hospitalizados em Bolama, quatro dos quais (do sexo masculino) estavam em estado grave.

A mesma fonte indicou que o incêndio teria sido ocasionado pela fuga de gasolina de um bidão furado. Ao chegar a casa das máquinas o líquido inflamou-se, provocando a explosão dos recipientes que continham ao todo 12 mil litros de gasolina.

No entanto, segundo a versão de um dos passageiros do «Corubal», o incêndio foi provocado por um candeeiro aceso que caiu sobre os bidões de gasolina.

O navio, pertencente à empresa Guiné-Mar, transportava passageiros e carga em excesso tendo encailhado duas vezes durante o percurso.

Para se salvarem, os passageiros tiveram que se atirar à água, depois do comandante ter conseguido encostar o navio a um banco de areia. Após o acidente, deslocaram-se ao local barcos da Marinha de Guerra Nacional e um helicóptero da nossa Força Aérea, em operação de salvamento.

JAAC reuniu em Fulacunda

(Continuação de 1.ª página)

Durante os três dias de trabalho exaustivo, e após a apresentação dos relatórios, documentos e projecto dos

franco e aberto. Debruçando-se sobre a situação dos seus quadros, a Comissão Nacional decidiu sancionar alguns dos seus membros com processo disciplinar, que vão

do de coordenação no concernente às transferências dos quadros afectos à JAAC.

No que concerne ao plano de 1980 a Comissão decidiu constituir, o mais rapidamente possível uma comissão que se encarregará do carnaval-80, a realizar em todas as regiões do país. Para esse efeito estará, brevemente, no país um grupo de cubanos especializados neste domínio. Além disso, optou-se pela criação de Estâncias de férias, para jovens, nos diversos pontos do país.

Na sessão de abertura e após as palavras de Quemo Mané e Tiago Aleluia Lopes, João da Costa diria a certo trecho que «a direcção da JAAC está determinada a levar para a frente o seu trabalho». Foi esta a determinação dos participantes da reunião.

O 16.º aniversário do Congresso de Cassacá foi preocupação desta segunda reunião. Por esse motivo, decidiu-se mobilizar todas as

forças para a realização das comemorações desta data, atribuindo-se para o efeito um papel particular aos responsáveis e militantes da JAAC da região de Tombali. Na sessão de encerramento, efectuado no passado domingo, o representante da JAAC, ramo de Cabo Verde, fez uma exposição sucinta das actividades desta organização naquele país irmão. De salientar ainda a presença dos delegados da UNTG, CNM, e a participação do representante da Juventude Livre Alemã.

A Comissão Nacional da JAAC que reúne duas vezes por ano, terá a sua próxima reunião em Junho do próximo ano na região de Cacheu o que foi aclamado por unanimidade. Na passada terça-feira, o camarada João da Costa deu uma conferência de imprensa onde respondeu de forma clara aos órgãos de informação Nacional e Estrangeiras, sobre a segunda conferência nacional e sobre as actividades da JAAC.

CN agradece apoio do Nô Pintcha

Devido ao apoio militante que os trabalhadores do «Nô Pintcha» prestaram ao seu colega «Vanguarda Juvenil», a Comissão Nacional da JAAC decidiu constatar no ponto quinto da sua resolução geral o seguinte: Louvar a edição regular do seu órgão informativo, o «Vanguarda Juvenil», pelo seu nível político e técnico, e reconhecer o apoio prestado pela Direcção do Comissariado de Estado da Informação e Cultura, pela Direcção e trabalhadores do jornal «Nô Pintcha» e Imprensa Nacional.

diversos departamentos, assim como das exposições dos secretários regionais, as críticas eclodiram num clima

desde destituição de cargos até a expulsão. Também promover contactos com os organismos estatais no senti-

Inscrições de militantes

(Continuação da 1.ª pág.)

Nessas Assembleias regionais do PAIGC realizadas no mês de Agosto, foram debatidos os problemas partidários e estatais, com maior incidência para as questões de terras, algumas deficiências no funcionamento dos Comités sobretudo na parte da

informação e Propaganda, o abastecimento dos Armazéns do Povo junto às fronteiras, o reforço do trabalho político no seio da população, o pagamento de quotas do Partido e o combate às queimadas, que são um flagelo das nossas florestas.

Visita de Luiz Cabral à Coreia e Bulgária

(Cont. de 1.ª pág.)

mica e internacional, o desarmamento, e a preconização de uma paz e segurança no Mundo, o fim das guerras imperialistas, o desmantelamento das bases estrangeiras noutros países, a destruição dos blocos militares, a criação de zonas des-nucleares e de zonas de paz e de cooperação bem como o apoio activo e militante aos povos em luta foram outros pontos abordados pelos Tratado

da Amizade e Cooperação.

BULGÁRIA — DEFINIR OS DOMÍNIOS DE COOPERAÇÃO

De regresso da Coreia o Presidente do Conselho de Estado e comitiva estiveram dois dias na República Popular da Bulgária «a fim de demonstrarmos o nosso reconhecimento pela ajuda que nos foi concedida por este país, durante a luta armada de libertação nacio-

nal e definir os domínios de cooperação possíveis a desenvolver entre os nossos dois países».

«A distensão internacional deve ser irreversível e estender-se por todas as regiões do mundo» — lê-se no comunicado conjunto assinado entre os presidentes Luiz Cabral, da Guiné-Bissau e Todor Jivkov, da Bulgária, no final da sua estadia naquele país. Os dois dirigentes apreciaram a ajuda dos países da comunidade socialista

aos movimentos de libertação nacional e aos povos africanos contra o colonialismo.

Nas reuniões de carácter técnico as duas delegações acordaram que uma missão chefiada pelo vice-ministro da Metalurgia e dos Recursos Naturais chegará a 7 de Dezembro para tomar conhecimento da situação concreta de cooperação, nomeadamente nos domínios da bauxite, wiliminite, fosfatos, minerais de ferro, calcário-mármore e outros.